

CONCEPÇÕES DIDÁCTICAS E METODOLÓGICAS DO SURF

DIDACTIC AND METHODOLOGIC CONCEPTIONS ON SURFING

Marco Catarino Espada Estêvão Correia*,***

António Fernando Boleto Rosado*

Isabel Maria Ribeiro Mesquita**

* UTL-FMH Lisboa

** FCDEF-UP Porto

*** ISCE Odivelas

Resumo

Este estudo pretendeu determinar as características particulares do conhecimento acerca das concepções e metodologias dos treinadores de Surf e o modo como procedem à organização curricular dos conteúdos.

Inspirado no modelo de Grossman⁶ e recorrendo ao quadro teórico de Rink¹², esta investigação assentou numa metodologia qualitativa.

Determinaram-se as habilidades a ensinar em cada nível de prática e não se verificou a existência de progressões únicas, variando a sequência de ensino das técnicas entre os treinadores.

O ensino das técnicas é realizado após um período de preparação geral e ao longo de toda a época, tendo sempre em consideração o calendário competitivo.

Palavras-Chave: Conhecimento, conteúdos, didáctica, metodologias, concepções, surf.

Abstract

The aim of this study was to determine specific features about the knowledge concerning coach's conceptions and methodologies as well as the way they proceed when organizing curricular contents.

Having as source the Grossman model⁶ and with the help of Rink's¹² theoretical table, this work is based on a qualitative methodology. For this purpose an open answer interview with questions concerning curricular organization of contents.

The skills to teach on each level of practice were determined and unique progressions weren't found. The technique teaching sequence was diverse among coaches.

The teaching of the techniques is made after a general preparation period and through all the season, always bearing in mind the competitions calendar.

Keywords: Knowledge, didactics, methodology, conceptions, surfing.

INTRODUÇÃO

O modo como os treinadores pensam e desenvolvem as suas práticas de ensino do Surf é resultante das suas concepções relativos aos conteúdos de ensino e dos seus atletas. Além das concepções, o conhecimento que o treinador detém irá interagir com diversos factores que irão dar forma aos modos como ele irá ensinar uma determinada matéria.

Enraizada em larga medida na proposta de Shulman^{15,16}, Grossman⁶, valorizou quatro grandes áreas de conhecimento profissional para o ensino, através da condensação de várias propostas de classificação do conhecimento do professor: 1) conhecimento da matéria; 2) conhecimento pedagógico geral; 3) conhecimento pedagógico do conteúdo; 4) conhecimento das especificidades do contexto.

Graça⁵, realizou uma investigação que se desenvolveu em torno do tema do conhecimento pedagógico do conteúdo para o ensino do basquetebol no âmbito da disciplina de Educação Física, apoiando-se o seu quadro teórico de referência na estrutura conceptual de Grossman⁶. Com esta investigação foi possível entender as características subjectivas da organização desse conhecimento e de como ele se revela na prática.

Através da forma como o treinador realiza o tratamento didáctico da matéria de ensino, nomeadamente nas tarefas motoras propostas, consegue-se captar dados importantes relativos às suas concepções.

Importa estudar e conhecer as concepções acerca do modo como organizam o ensino, como constituem as progressões pedagógicas, qual a forma como gerem critérios como a extensão das técnicas ensinadas, a profundidade da abordagem

dessas técnicas, a lógica da sua ordenação no tempo, o ênfase que é atribuído a cada conteúdo, assim como, os modos como lidam com a questão da aplicação.

A investigação didáctica estuda as transformações realizadas do conhecimento académico para o conhecimento ensinado, os seus efeitos na prática e os seus possíveis melhoramentos no ensino.

As investigações realizadas, relativas ao tratamento didáctico dos conteúdos, procuraram reflectir a forma como os conteúdos são apresentados aos alunos, revelando, até agora, grande heterogeneidade na sua abordagem.

Uma das áreas de reflexão e investigação didáctica diz respeito ao tratamento didáctico dos conteúdos, tema central deste estudo.

Segundo Gimeno, citado por Pacheco et al.¹⁰, a ordenação e sequencialização dos conteúdos deve ser realizada respeitando a colaboração de professores e especialistas na elaboração de conteúdos, ligando os conteúdos a actividades práticas, métodos e utilização de materiais diversos, promovendo formas alternativas de organização, regulando de uma forma mais adequada o tempo e estabelecendo períodos de desenvolvimento de duração intermédia.

Existem diversas formas de sequencialização dos conteúdos, no seu sentido estrutural ou de ordem, simples ou lineares e complexas. Inseridas nas sequências simples ou lineares, todos os conteúdos ou unidades poderão ter a mesma importância (sequência homogénea), poderão existir diferenças quanto à sua importância atribuída aos conteúdos (sequência heterogénea), o mesmo espaço de duração poderá ser concedido a todos os conteúdos (sequência equidistante), e poder-se-ão estabelecer diferenças quanto ao tempo atribuído ou previsto para cada elemento, cruzando em função das categorias “relevância” e “duração” (sequência não-equidistante). Nas sequências complexas, às variáveis anteriores acrescentam-

se outras novas, podendo-se estabelecer variações quanto à equidistância e homogeneidade. Dentro destas sequências, a sequência complexa com alternativas, indica-nos que não há apenas um caminho para passar de um tema para o outro mas sim quatro alternativas possíveis. A sequência complexa com retroactividade, é uma ordenação em que se prevêem saltos para a frente e para trás, com a finalidade de clarificar o porquê de novos conceitos e assegurando e fixando as novas aquisições¹³.

No processo de ensino e treino, o treinador, terá de realizar um ajustamento da dificuldade das tarefas ao nível de desempenho dos praticantes, assim como, adequar o nível de dificuldade das tarefas às particularidades de cada sujeito, sem deixar de ter em linha de conta a fase de formação desportiva em que se encontra³. Para tal importa estudar as progressões, conceito que segundo Rink¹², está associado às decisões pedagógicas que o treinador ou professor toma e que envolve a manipulação do nível de complexidade das tarefas de aprendizagem.

Segundo Mesquita⁹, é necessário estabelecer uma progressão que assegure ao mesmo tempo a articulação horizontal e vertical das tarefas. Como resultado da utilização simultânea das duas articulações (vertical e horizontal) na sequencialização de conteúdos é encontrada a extensão desejada, o número e tipo de tarefas a utilizar para o ensino de um conteúdo específico. Ao decidir sobre a extensão da progressão, o treinador, deverá definir de que forma deve reduzir a complexidade e a dificuldade das tarefas e de que maneira irá ordenar as tarefas para criar uma sequência ou cadeia de experiências progressivas. Para efectivar correctamente a extensão desejada, o treinador deverá manipular diversos factores para assim modificar a complexidade ou a dificuldade da performance motora, tais como: a prática por partes, a modificação do equipamento, o local de prática, os

critérios de êxito definidos, o número de pessoas envolvidas na prática, as condições de performance, o número de habilidades motoras, o aumento do número das respostas motoras e o estabelecimento de diferentes sequências de experiências motoras¹¹.

O uso de progressões reflecte o tratamento didáctico que foi dado à matéria de ensino no que concerne à profundidade, extensão, sequência, ênfase e aplicação na abordagem dos diferentes conteúdos, adquirindo-se assim dados relativos às concepções de quem as constrói⁵. Desta forma, ao acedermos ao modo como os treinadores utilizam as progressões para efectivarem o processo de ensino e treino do Surf ficaremos perante os aspectos dominantes das suas concepções de ensino e treino desta modalidade.

Sem estudos especificamente orientados de modo a descrever as variáveis influenciadoras e as metodologias de treino aplicadas no Surf, o conhecimento do processo de treino ficará indefinidamente impreciso e puramente especulativo.

Procurou-se, assim, com este estudo, trazer luz quanto ao processo de treino desportivo na modalidade de Surf e assim melhorar as condições de prática dos jovens atletas.

O objectivo deste estudo foi investigar e determinar as características particulares do conhecimento acerca das suas concepções e metodologias de ensino no processo de ensino-aprendizagem com jovens e o modo como procedem à organização didáctica dos conteúdos, na modalidade de Surf.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram 11 treinadores de Surf das camadas de formação, sendo todos eles do sexo masculino, com idades compreendidas entre os vinte e um e os trinta e oito anos. O intervalo de prática, enquanto atletas, variou entre os três e os dezoito anos. Todos detêm o curso de treinadores Nível II da Federação Portuguesa de Surf, sendo dois deles formadores dos respectivos cursos e seis licenciados em Educação Física. Quanto aos outros cinco, dois têm o curso de Engenharia, um de Matemática aplicada, um de Sociologia e um tem o 12º ano de escolaridade.

O tempo de experiência profissional enquanto treinadores de Surf varia entre os seis meses até aos 10 anos.

Identificação de Variáveis

As variáveis foram definidas a partir das questões iniciais do estudo e são inerentes às questões específicas colocadas aos treinadores. As variáveis são organizadas e inseridas nas seguintes dimensões:

Fontes de Conhecimento – diz respeito à proveniência do conhecimento especializado para o ensino e treino do surf: a experiência como praticante e/ou competidor, a frequência de cursos de formação de treinadores de surf, a

experiência e a reflexão da prática do ensino e do treino, a formação académica, os conhecimentos adquiridos por contactos com outros treinadores, o auto-estudo e a consulta de literatura da especialidade/modalidade⁵.

Conhecimento Pedagógico do Conteúdo (CPC) – abarca o conhecimento relativo aos tópicos mais regularmente ensinados e treinados na formação de uma determinada modalidade, ou seja, todos os conhecimentos que permitem tornar a matéria inteligível e passível de ser aprendida pelos atletas através de analogias, ilustrações, exemplos, explicações e demonstrações. Não indexa directamente qualquer categoria uma vez que estas aparecem dentro das suas sub-categorias⁵ (apresentadas abaixo).

Conhecimento Pedagógico do Conteúdo/Curriculum – compreende o conhecimento dos meios curriculares disponíveis para o ensino e treino do surf, a articulação horizontal e vertical dos conteúdos e das progressões do surf permitindo aceder à sua forma de organização, sequência e conexão num ou em vários escalões etários e/ou níveis de prática, assim como, a utilização combinada das duas articulações. Este conceito capacita o treinador para fazer as escolhas adequadas face aos condicionalismos externos e imprevistos^{5,11}.

Extensão – Número de técnicas alvo de aprendizagem e tipo de tarefas a empregar, para o ensino do conteúdo pretendido.

Profundidade – Nível de pormenor e de especificidade que se pretende atingir para cada conteúdo/habilidade técnica.

Sequência – Sequencialização e ordenação de habilidades técnicas.

Ênfase – Realçar exactamente o que se pretende (habilidades técnicas) para cada momento (nível de prática e/ou escalão etário) em relação a cada conteúdo.

Conhecimento pedagógico do conteúdo/Estratégias – engloba as actividades, as experiências, os materiais e explicações adequadas para o ensino dos diferentes conteúdos, assim como, todo o repertório de imagens, metáforas e analogias para a representação da matéria. Compreende o conhecimento das estratégias de instrução e formas de representação para o ensino de determinados tópicos da matéria⁵.

Aplicação – Actividades propostas, no processo de estruturação e condução do ensino/treino, de forma a destacar o resultado da acção em situação contextualizada.

INSTRUMENTO

Decorrente das características deste estudo e dos objectivos propostos, considerou-se que a forma mais adequada para a recolha dos dados passaria pela aplicação de uma entrevista estruturada e de resposta aberta, pretendendo-se questionar directamente o conhecimento e as concepções dos treinadores acerca do ensino e treino do Surf.

Os estudos efectuados sobre o pensamento e as decisões pré-interactivas dos professores têm utilizado a entrevista como instrumento de recolha de informação devido às vantagens que esta apresenta em relação a outros registos, nomeadamente escritos. Pultorak¹¹ aponta diferenças no tipo de respostas resultantes de procedimentos escritos e verbais, em estudos realizados com

professores em início de carreira, em que nos níveis de reflexão eram mais elevados em entrevistas orais do que em registos escritos. Este instrumento poderá, até, ter um efeito de intervenção para os treinadores, pois através das questões da entrevista, poder-se-ão abrir portas para elementos nunca pensados, tomando, inclusive, consciência de contradições e conflitos nas suas concepções⁵.

A opção pela entrevista estruturada foi adoptada, ainda, pelo facto dos treinadores poderem falar livremente sobre as questões que são colocadas e permitir algum grau de comparabilidade entre as suas respostas.

O tipo de questões presentes no guião da entrevista resultou de uma adaptação, à especificidade do nosso estudo, de um instrumento/questionário construído por Rosado e Mesquita¹⁴ e de entrevistas elaboradas por Graça⁵, para captar o conhecimento pedagógico do conteúdo para o ensino do basquetebol, e Macedo⁸, para captar o conhecimento do treinador e concepções de ensino do voleibol de treinadores dos escalões de formação. O guião da entrevista enuncia os temas específicos a abordar, com a finalidade de levar o entrevistado a aprofundar o seu pensamento ou a explorar uma questão que não abordasse de forma espontânea.

Validade do Instrumento

O facto do instrumento de pesquisa ter sido construído sob a influência de outros estudos e, também, pela contribuição de vários peritos em Pedagogia do Desporto, a quem foram solicitados pareceres independentes, através da análise e discussão das diferentes questões que constituíam a entrevista, permitiu garantir a sua validade por peritagem. Pressupõe-se, ainda, o ajustamento do conteúdo analisado

na entrevista à realidade dos problemas que se pretendem estudar por via da análise dos modelos teóricos do domínio.

A aplicabilidade da entrevista, de modo a que responda efectivamente aos problemas colocados e que satisfaça os objectivos a que se destinava, foi verificada através da realização de uma aplicação-piloto. Para o efeito foi seleccionado, um treinador pertencente à amostra, sendo a sua entrevista excluída do respectivo estudo. Pretendeu-se, com a sua realização, a compreensão das questões e das respostas da entrevista, permitindo evitar erros de vocabulário e de formulação, assim como, destacar incompreensões e equívocos.

RECOLHA DE DADOS

Os participantes foram contactados previamente de forma a confirmar a sua disponibilidade para a entrevista.

No início da pesquisa foi explicado aos treinadores os principais objectivos que norteavam o trabalho, bem como os procedimentos a utilizar por parte do investigador. Primeiro, por carta entregue pessoalmente e, depois, por contacto pessoal, procurando sempre retirar qualquer tipo de carga avaliativa que pudesse ser induzida neste tipo de investigação. No início da entrevista apresentou-se e explicou-se a finalidade da mesma, assim como o motivo da escolha do entrevistado e clarificaram-se todas as dúvidas existentes dos treinadores. Enfatizou-se o interesse em captar as concepções pessoais de cada treinador, o seu modo particular de ensinar as diferentes técnicas e as suas ideias sobre o que considerava mais importante para o processo de treino e evolução dos atletas no Surf. Referiu-se que os dados recolhidos eram confidenciais e garantiu-se, o maior sigilo sobre a sua

colaboração e respectivo conteúdo. Se os treinadores desejassem, seria dado conhecimento dos resultados do trabalho, imediatamente após a sua conclusão.

A ordem das perguntas manteve-se como estava estruturado no guião, o que não impediu o esclarecimento de qualquer dúvida, assim como o aprofundamento de alguma questão em particular.

Durante as entrevistas, que tiveram a duração média de cerca de 90 minutos para a maioria dos treinadores (embora houvesse algumas que atingissem os 120 minutos), o entrevistador nunca interrompeu os entrevistados a não ser para emitir reforços ao seu discurso através da utilização de breves expressões que marcavam o interesse pelo que era dito. Sempre que o discurso dos entrevistados ficava bloqueado era realizado a formulação de pedidos particulares que podiam tomar a forma de perguntas.

Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas textualmente e processadas para computador. Esta transcrição foi o mais fiel possível ao discurso oral e a pontuação normal foi utilizada nos casos de pausas, falsos começos e vacilações. A fiabilidade da transcrição era garantida pelo procedimento sistemático de audição e confirmação de pequenos segmentos de texto (de uma palavra até uma pequena frase), realizada com um gravador equipado com pedal de recuo e avanço de gravação. Após este procedimento, de transcrição dos dados, as entrevistas foram enviadas aos treinadores de modo a realizarem uma apreciação crítica e possíveis correcções de algumas citações.

Procedimentos de análise de dados

A primeira actividade consistiu em estabelecer contacto com os documentos a analisar e conhecer os diferentes textos, com o intuito de ser invadido por impressões e orientações gerais. Bardin¹ denomina esta actividade como leitura “flutuante”.

Após a leitura ter ficado mais precisa e de se ter realizado uma leitura mais analítica sublinhando passagens com ideias relevantes, deu-se a primeira fase da análise, que consistiu na codificação de todo o material transcrito nas entrevistas de modo a atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer as características do texto. Para esse efeito foram destacados um conjunto de indicadores que serviram de base à determinação das unidades de registo. Para facilitar esta tarefa todas as entrevistas transcritas foram impressas dispondo de colunas/espacos à esquerda e à direita para indicar qual a categoria a que cada unidade de registo correspondia.

A constituição da grelha de codificação teve como primeira etapa o conjunto de questões da investigação e os problemas teóricos de onde se partiu, mas foram baseadas nas categorias do conhecimento do treinador, tendo por base um quadro conceptual utilizado e adaptado por Graça⁵ a partir das categorias elaboradas por Grossman⁶ sobre o conhecimento profissional para o ensino, assim como o quadro de referência de Rink¹², na análise das tarefas e informações relativas ao currículo e aos aspectos de natureza pedagógica implicados no processo de instrução e de tratamento didáctico dos conteúdos.

Este estudo, ao tomar como ponto de referência quadros de categorias já elaborados, afasta-nos da extremidade indutiva, seguindo, assim, o preconizado por Araújo citado por Graça⁵, em que a codificação deve começar com uma grelha que

esteja bem fundada numa teoria ou num esquema conceptual. Com este procedimento, denominado por “milha”, os temas foram constituídos em referência ao discurso produzido pelos treinadores que foi facilitado pelo facto das questões de dirigirem particularmente a temas específicos¹. Apesar da construção da grelha de codificação ter sido feita com base num quadro conceptual, tal não implicou que tivéssemos fechado esse mesmo quadro, realizando um movimento circular de retroacção entre a teoria, a grelha de codificação e os dados.

Este processo de codificação, segundo Bardin¹, corresponde à transformação dos dados brutos das respostas dos treinadores, que por recorte, agregação e enumeração, permitem alcançar uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de clarificar o investigador acerca das características do texto. Nesta investigação o critério de recorte na análise de conteúdo foi de ordem semântica, se bem que, em algumas situações, impostas pela natureza das respostas dos treinadores, decorrentes das questões formuladas, tenha existido uma correspondência com unidades formais (palavra e palavra tema, frase e unidade significativa).

Pretendeu-se caracterizar as representações sobre os modos didácticos de organização curricular, nomeadamente, de articulação horizontal e vertical dos currículos, caracterizando variáveis como, a extensão, a sequência, a profundidade e a aplicação dos conteúdos nos diferentes níveis de aprendizagem e nos diferentes escalões etários^{5,11}. Pretendeu-se, também, saber de que forma os treinadores perspectivam o ensino e o treino tendo em consideração os constrangimentos situacionais, a condição física e o material didáctico utilizado.

A codificação consistiu na procura activa das ideias fortes, das palavras-chave e também das contradições nas afirmações de cada treinador.

Validade e fidelidade das categorias

A validação das categorias deste estudo é resultado da sua criação em referência a uma base empírica, assim como, a um quadro conceptual vasto. Foi também assegurada, através da discussão com investigadores da área.

Garantida a validade, passámos aos procedimentos relacionados com a fidelidade de codificação dos dados da entrevista. Efectuámos este procedimento para a fidelidade intra-codificador e para a fidelidade inter-codificador.

A fidelidade intra-codificador foi realizada em momentos distintos de codificação, intervalados por um período de dois meses. Com este processo pretendeu-se mostrar a estabilidade com que o investigador codificou os dados, em momentos diferentes, de forma a garantir a uniformidade de análise, procedendo-se ao cálculo de concordância na classificação das categorias.

Para o cálculo da fidelidade inter-codificador, foi efectuada uma codificação com outro investigador, utilizando os mesmos procedimentos atrás descritos.

Na determinação da concordância, relativo à classificação das categorias foi aplicado o índice de fidelidade referenciado por Bellack.

Os resultados obtidos na determinação da fidelidade, relativo à classificação de categorias (IF), situam-se entre valores que variam de 83,33% a 100% para a fidelidade intra-codificador, assim como, para a fidelidade inter-codificador.

RESULTADOS

Modo de Organização do Ensino

As Técnicas

Com o Quadro 1 pretende-se apresentar as ideias fortes das concepções dos treinadores referentes às técnicas de base e às técnicas mais avançadas.

	Técnicas de		Técnicas	
	Freq.	%	Freq.	%
	2	18,18		
	1	9,09		
	7	63,63		
Sentar na Prancha				
Drop	4	36,36		
Take-off	10	90,90		
	6	54,55		
Bottom-Turn	10	90,90		
Cut-back	5	45,45		
Duck-dive	2	18,18		
	1	9,09	4	36,36
Tubo	1	9,09	8	72,72
Reentry			3	27,27
360°			3	27,27
Reverse			3	27,27
Rasgadas				
Aéreo			9	81,81
Tail-slide			4	36,36
Round-house Cut-back			6	54,54
Off-the-Lip	1	9,09	2	18,18
Batida(s)	1	9,09	1	9,09
Linha/estilo	1	9,09		

Quadro 1 - Frequências absolutas e relativas das técnicas de base e técnicas avançadas enunciadas pelos treinadores.

A Extensão

A totalidade dos treinadores tomaram somente em consideração o nível de prática dos atletas na organização da extensão dos conteúdos (número de técnicas alvo de aprendizagem) a abordar. Assim, e começando pelo nível de aprendizagem, verifica-se que as habilidades mais citadas pelos treinadores para serem ensinadas são: a remada, o take-off/stand-up e o trimming. O bottom-turn, o drop e cut-back e o correcto posicionamento na prancha (trim) foram também habilidades focadas pelos treinadores, neste nível de aprendizagem, embora com menores frequências absolutas. Dentro deste nível, os treinadores referiram que deveria constar na aprendizagem dos seus atletas questões referentes às regras de segurança e prioridade e capacidade de leitura de mar, nomeadamente, a leitura de onda de forma a permitir o conhecimento do tipo de onda (esquerda ou direita).

No que concerne ao nível de desenvolvimento, existem treinadores que ainda incluem o bottom turn e o cut-back, sendo estas duas técnicas, a par do floater e do tubo, as mais referidas pelos treinadores nos seus discursos. De salientar ainda, dentro deste nível, a referência do take-off e do trimming como técnica alvo de aprendizagem, assim como, novamente referirem a leitura de onda. Neste nível, há a aprendizagem das restantes técnicas (reentry, off-the-lip, aéreo, tail-slide, 360°, round-house cut-back, viragem no topo e batida), pois verificou-se que os treinadores, no nível de competição, apenas referiram o ensino das regras e o treino de tácticas de competição, a par da aplicação das técnicas, da leitura de onda e da realização de treino físico específico, como alvo de aprendizagem.

A Sequência

Não existe conformidade entre os treinadores sendo difícil definir uma sequência única para o ensino das diferentes técnicas. A sequência para o ensino das técnicas está sempre dependente das condições do mar, não existindo assim uma sequência linear e rígida. De uma forma geral, podemos facilmente inferir que os treinadores abordam em primeiro lugar as técnicas de base, deixando para mais tarde as técnicas que foram por eles consideradas mais avançadas.

O Ênfase

Com o quadro 2 pretende-se apresentar as ideias fortes das concepções dos treinadores referente ao ênfase atribuído a cada uma das técnicas.

Frequências das técnicas						
	Aprendizagem		Desenvolvimento		Competição	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
	9	81,81	6	54,54	2	18,18
Sentar na	5	45,45	3	27,27	1	9,09
	10	90,90	5	45,45	3	27,27
	8	72,72	5	45,45	2	18,18
Bottom-Turn	6	54,54	9	81,81	4	36,36
Cut-back	3	27,27	9	81,81	4	36,36
Duck-dive	3	27,27	6	54,54	1	9,09
Floater			8	72,72	5	45,45
Tubo			4	36,36	7	63,63
Reentry	1	9,09	7	63,63	5	45,45
360°			1	9,09	4	36,36
Rasgadas	1	9,09	5	45,45	5	45,45
Aéreo			1	9,09	7	63,63
Round-			1	9,09		

Quadro 2 - Frequências absolutas e relativas do ênfase dado a cada uma das técnicas referente ao escalão etário e/ou nível de prática, enunciadas pelos treinadores.

A Profundidade

Quadro 3 – Análise global relativo à profundidade das componentes críticas da Remada.

Remada		
Aprendizagem	Desenvolvimento	Competição
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Manutenção de uma postura correcta na prancha, nomeadamente: peso do corpo bem distribuído pela prancha (nem muito à frente nem muito atrás e externo coincidente com o stringer da prancha.), tronco ligeiramente levantado, pernas e pés juntos, tronco ligeiramente levantado e olhar para a frente, para o bico da prancha e/ou para onde se quer remar (praia). ✓ Utilização da remada alternada, ou seja, estilo croll. ✓ Remar 3 vezes com força antes do take-off. ✓ Terá que haver uma distância relativa para a onda, quando se começa a remar. ✓ Força explosiva, muita velocidade, 4/6 braçadas). 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Bom posicionamento no line-up, no sítio certo e na altura certa para onde remar. ✓ Remada mais forte, e mais rápida. ✓ Quanto mais cedo apanhar a onda melhor. ✓ Remada eficaz. Correcta posição da mão, ✓ posição do braço e posição dos dedos. ✓ Remar com mais pressão para determinadas ondas e com menos para outras. ✓ Cabeça erguida. ✓ Semi-flexão do cotovelo. ✓ Tronco e pernas imóveis. ✓ Olhar para um dos lados para onde se vai apanhar a onda. ✓ No último momento da remada baixar a cabeça encostando o queixo à prancha. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ 20 minutos é o que dura cada heat e os atletas têm que dar o seu máximo. ✓ Remada muito rápida ✓ Desenvolvimento dos aspectos físicos (ginásio) para diferentes tipos de remada.

Quadro 4 – Análise global da profundidade das componentes críticas do Take-off.

Take-off		
Aprendizagem	Desenvolvimento	Competição
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Olhar para a frente. ✓ Extensão dos braços. ✓ Colocação dos pés (pé de trás perpendicular e pé da frente na diagonal ao stringer). ✓ Colocação do peso na perna da frente. ✓ Adquirir uma postura correcta na prancha. ✓ Pernas ligeiramente mais afastadas do que a largura dos ombros. Joelhos flectidos. Costas direitas Olhar para a frente, para o local onde se quer dirigir. ✓ Nunca apoiar os joelhos na prancha. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Take-off angulado. ✓ Utilizar a extensão dos braços para colocar o pé da frente. ✓ Técnica de um só tempo de forma mais rápida. ✓ Peso na perna da frente. ✓ Movimento harmonioso e suave. ✓ Correcta colocação dos pés. ✓ Começar a realizar take-off atrasado. E tube take-off. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aplicação da fase de desenvolvimento.

Quadro 5
-
Análise

se global da profundidade das componentes críticas do Trimming.

Trimming		
Aprendizagem	Desenvolvimento	Competição
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Arranque em ângulo. ✓ Boa colocação em cima da prancha. Postura correcta (PBS). ✓ Colocação dos pés perpendicularmente à longarina/stringer. ✓ Ir com um braço de cada lado e ligeiramente levantados. ✓ Olhar para a frente. ✓ Apontar a prancha a 45° na linha de onda. ✓ De backside colocar a mão de dentro na água e a mão de fora agarrada ao rail. ✓ Sentir a prancha para ganhar velocidade. ✓ Oscilação do centro de gravidade, levantando e baixando o corpo através da flexão de pernas. ✓ Evitar o pumping, realizando trocas de borda. ✓ Prancha dirigida para o lado que queremos ir. ✓ Pequenos ajustes na posição do tronco, para a frente ou para trás, para manter a correcta trajectória da prancha. ✓ Deslocar na onda sem fazer atrito. ✓ Variar o peso do corpo, entre os dois apoios. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Realizar troca de borda. ✓ Fazer pequenos ajustes, pressionando o pé de trás. ✓ Automatização do movimento, preparação da próxima manobra. ✓ Ampliar este movimento, subindo e descendo a onda (trajectórias top-to-bottom). ✓ Rotação do braço para conferir maior velocidade. ✓ Mais exigência quanto à distribuição e colocação do peso, não deixar as pernas muito estáticas (funcionar como amortecedor). 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conferir maior rapidez, com estilo. ✓ Mais eficácia.

Quadro 6 – Análise global da profundidade das componentes críticas do Bottom-turn.

Bottom-turn		
Aprendizagem	Desenvolvimento	Competição
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dropar em frente ✓ Baixar o centro de gravidade, flectindo as pernas e tronco. ✓ Olhar para o sítio onde se quer virar. ✓ Levantar calcanhares e pressão sobre a ponta dos dedos (frontside). Em backside, realizar ao contrário. ✓ Por a mão de dentro na água. ✓ Olhar para cima, para o sítio onde queremos ir. ✓ Inclinar o tronco. ✓ Rotação do tronco e olhar para onde queremos ir. ✓ Baixar-se, quase encostar o joelho, agarrar uma borda e vira. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Antecedido de Take-off rápido ✓ Dropar em frente. ✓ As mesmas componentes críticas apontadas no nível de aprendizagem, mas feitas de maneira mais rápida. ✓ Fazer bottom-turn debaixo do pocket. ✓ Sair do bottom-turn na vertical. ✓ Flectir, ao mesmo tempo que inclina/roda tronco e peso no pé atrás. ✓ Olhar para o local onde se quer executar a manobra. ✓ Acção de flexão e extensão das pernas. ✓ Baixar o centro de gravidade. ✓ Colocar a mão na água. ✓ Balanço dos braços para a prancha virar. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Manobrar top-to-bottom. ✓ Curva na base bem executada. ✓ Realizar a viragem de forma mais rápida, mais cerrada e mais na base da onda, para executar uma subida vertical.

Aspectos de ensino das técnicas e a aplicação

Os treinadores realizam o ensino das técnicas ao longo de toda a época, mas têm sempre em consideração o calendário competitivo. Tendo em consideração o seu ensino, os treinadores, inserem o ensino das técnicas após um período de preparação geral, que para alguns tem a duração de três a quatro semanas e antes do período competitivo.

Há uma grande preocupação dos treinadores quanto à aplicação das técnicas, sendo sempre no momento que antecede a competição (há treinadores que apontam para uma semana antes). Para tal, os treinadores, realizam simulações de heats/baterias para os seus atletas e até mesmo pequenos encontros com outras escolas de surf, preferencialmente nos locais onde serão realizadas as competições.

Há apelo às capacidades intelectuais dos atletas, pedindo os treinadores que cada um deles memorize o número de ondas e número de manobras realizadas em cada onda. Nesta altura há a preocupação por parte dos treinadores em diminuir o volume dos treinos dos seus atletas, assim como proceder a visualizações, através do vídeo, dos seus desempenhos nos treinos.

O Treino da Condição Física

Os treinadores apontaram o início da época/ano para o começo do trabalho de condição física dos seus atletas, incidindo principalmente sobre os seus pontos fracos.

Há a preocupação em realizar este trabalho tendo sempre em atenção a realização de movimentos que sejam o mais similares possíveis aos gestos técnicos.

A utilização de um ginásio para a realização deste tipo de trabalho é apresentada pela maioria dos treinadores, contendo estes treinos programas adaptados ao Surf com exercícios variados. Existem também alguns treinadores que realizam este tipo de treino na praia. Apenas a partir do nível de desenvolvimento que as capacidades físicas começam a ser trabalhadas, caso não haja qualquer factor físico que limite a aprendizagem das técnicas.

O Material Didático

O material mais referido pela maioria dos treinadores foi a prancha e o skate. Além destes dois, foram referidos os fatos, as quilhas, a indoboard, os pesos, os capacetes e a câmara de filmar.

Quanto às formas de utilização da prancha, os treinadores referem que, no início da aprendizagem, as pranchas terão que ser largas, grossas e de grandes dimensões para facilitar a aprendizagem dos atletas. O tipo de material, no nível de aprendizagem, também deverá ser diferente das pranchas tradicionais, sendo de espuma/esponja. Ao longo do tempo as dimensões da prancha serão cada vez mais reduzidas, havendo uma sequência lógica na sua utilização.

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

Este trabalho teve como principal objectivo explorar o conhecimento das concepções metodológicas do ensino e treino do surf com jovens. Esta investigação centrou-se nas concepções sobre a estruturação do processo de ensino-aprendizagem no que concerne ao treino de Surf com jovens.

Os treinadores, ao apresentarem o modo como estruturam o ensino das habilidades técnicas do Surf, realizaram-no tendo apenas em consideração o nível de prática dos atletas, sendo este constituído por 3 níveis: o nível de aprendizagem, o nível de desenvolvimento e o nível de competição. Critérios, outros, como a idade não são tidos em consideração na organização do ensino.

Relativamente ao modo como os treinadores organizam os conteúdos, nomeadamente, quanto à sequência dos gestos técnicos, as suas concepções pessoais quanto ao ensino do Surf nesta matéria específica é apreciavelmente distinta. No entanto, a maioria, optou por realizar uma sequência que está directamente ligada com a ordenação realizada, referente às técnicas de base e técnicas avançadas. Verifica-se, assim, que as primeiras técnicas a ser abordadas são as técnicas que foram classificadas como de base, seguindo-se a abordagem das técnicas avançadas. A maioria dos treinadores referiu que o ensino das regras de segurança da modalidade, a adaptação ao meio aquático e o desenvolvimento das capacidades físicas, principalmente, as que envolviam o equilíbrio, deveriam ser abordadas antes de qualquer habilidade técnica.

Relativamente à metodologia de abordagem das técnicas, recorriam a uma abordagem molecular. Esta metodologia decorre da necessidade da correcta realização dos gestos técnicos, no contexto específico, para que haja eficácia no

processo de aprendizagem. Este caso aplica-se concretamente no ensino da técnica da remada e do take-off e é denominado “em seco”, por ser realizado, em primeiro lugar, na praia ou em terra². No entanto e apesar de todos utilizarem esta situação analítica, todos os treinadores salientaram a necessidade de se proceder à contextualização da habilidade na situação concreta, o mais rapidamente possível, pois mencionaram que nestas habilidades há que “saber fazer” e há que “saber quando fazer”, realçando os processos decisoriais tão característicos das habilidades abertas.

A forma como os treinadores manipulavam a complexidade das tarefas, foi diversificada e ia ao encontro do preconizado por Rink¹², havendo alguns que manuseavam a complexidade entre as tarefas através da alteração das condições de prática, nomeadamente, pelo local de realização da tarefa (areia, espuma, onda por rebentar), pela alteração do tipo de pico (onda), pela escolha de locais (praias) com mais praticantes, pelo aumento dos critérios de êxito na realização da tarefa ou pela modificação do tipo (medidas) de prancha.

Um dos principais entraves no desenvolvimento técnico dos jovens é, sem dúvida, a interferência do contexto, atribuível ao ambiente, que os treinadores têm que ter sempre em consideração. Devido a este problema, os treinadores apresentaram grandes dificuldades na exposição de uma sequência linear para o ensino das técnicas, não havendo unanimidade entre as suas respostas. Esta não-linearidade na sequência das habilidades técnicas do Surf, poderá significar maiores graus de liberdade, evidenciando alguma flexibilidade do ensino das habilidades.

Os principais materiais didáticos referidos e que eram utilizados no processo de ensino e treino da modalidade de surf foram: a prancha e o skate (longboard e

curto/tradicional). Os treinadores julgam que, quando propõem a utilização dos skates, estarão a promover o transfer de aprendizagem positivo, isto é, a influência dessa prática na performance da mesma num contexto diferente ou na aquisição e aprendizagem de outra habilidade relacionada (4). Todos eles têm o seu lugar garantido no processo de treino e ensino da modalidade de Surf.

Recomendações

No decorrer da elaboração deste estudo, progressivamente, fomos sendo confrontados com questões que nos levam a sugerir algumas indicações para futuros trabalhos de pesquisa e investigação, de forma a contribuir para o melhor conhecimento de todos os factores relacionados com o processo de ensino e treino do Surf.

A linha de investigação adoptada neste estudo pretendeu aceder ao lado escondido do ensino do Surf, através do pensamento do treinador. Na recolha dos relatos produzidos pelos treinadores poderá ter ocorrido alguma contaminação por via da presença do investigador. Propõe-se que haja, numa próxima investigação, a aplicação de recolha de dados num processo de triangulação para assim poder melhorar a compreensão do conhecimento do treinador de Surf. Propomos, também, a realização de estudos longitudinais que investiguem a estabilidade das concepções ao longo de um tempo significativo.

O desenvolvimento da condição física revela-se essencial para que os atletas suportem os esforços da competição, bem como, para manter os níveis já atingidos na sua preparação. Importa, nesta área, caracterizar o Surf, ou seja, saber o que é uma competição de Surf do ponto de vista do esforço que tem que ser realizado, como é que se desenrola e quais as exigências colocadas aos seus intervenientes. Dentro deste âmbito é necessário, também, verificar quais são os principais vectores condicionais e/ou coordenativos, entendidos como qualidades físicas essenciais ao praticante de Surf.

O estudo do conhecimento deverá assentar na própria acção e não apenas nos seus relatos verbais, procurando analisar em que medida é alterado o seu conhecimento. Há, assim, a necessidade de se realizar investigação que permita através da observação descrever exactamente o que os treinadores

pensam. O estudo das relações entre pensamento e acção representa uma necessidade de pesquisa futura.

Referências Bibliográficas

1. Bardin L (1979). *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70;
2. Costa e Silva M (2000). *Contributo para uma sistematização das habilidades básicas na iniciação ao Surf*. Tese de Mestrado (não publicada). FCDEF – UP;
3. Famose J-P (1990). *Apprendissage Moteur et difficulté de la tâche*. Paris. Ed. INSEP;
4. Godinho M, Mendes R, Melo F & Barreiros J (2002). *Controlo Motor e Aprendizagem – Fundamentos e Aplicações*. Godinho, M. (Ed.). FMH Edições;
5. Graça A (1997). *O conhecimento pedagógico do conteúdo no ensino do Basquetebol*. Tese de Doutoramento (não publicada). FCDEF-UP. Porto;
6. Grossman P (1990). *The Making of a Teacher: Teacher Knowledge and Teacher Education*. New York, Teacher's College Press;
7. Januário C (1992). *O Pensamento do Professor: Relação entre as Decisões Pré-interactivos e os Comportamentos Interactivos de Ensino em Educação Física*. Tese de Doutoramento (não publicada). Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa;
8. Macedo J (2002). *O conhecimento do Treinador e Concepções de ensino do Voleibol de Treinadores dos Escalões de Formação*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Porto, FCDEF – UP;
9. Mesquita I (1998). *A Instrução e a Estruturação das Tarefas Motoras no Treino do Voleibol – estudo experimental no escalão de iniciadas feminino*. Tese de Doutoramento (não publicada). FCDEF – UP;
10. Pacheco J, Alves M, Flores M, Paraskeva J, Morgado J, Silva A, Viana I (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Braga: livraria Minho;
11. Pultorak E (1993). “Facilitating reflexive thought in novice teacher”, in *Journal of Teacher Education*, vol. 44, nº 4, pp. 288-295;

12. Rink J (1993). Teaching Physical Education for Learning (2nd Ed.). Times Mosby Colledge Publishing, ST. Louis;
13. Rosado A (2003). Conceitos básicos sobre a planificação didáctica. In Sarmento P, Leça-Veiga A, Rosado A, Rodrigues J, Ferreira V, Moreira L (Eds.), Pedagogia do Desporto: Estudos 7 (pp. 27-48). Faculdade de Motricidade Humana
14. Rosado A & Mesquita I (2003). Tratamento Didáctico dos Conteúdos. Documento não publicado.
15. Shulman, L.S. (1986). Paradigms and Research Programs in the study of teaching. In Handbook of Research on Teaching (3th.edit.). M. Wittrock (Ed.), New York: Macmillan Publishing Company;
16. Shulman, L.S. (1987). Knowledge and teaching: foundations of the new reform. Harvard Educational Review;
17. Siedentop D (1991). Developing Teaching Skills in Physical Education (3rd edit.). Mayfield Publishing Company.